

TRADUÇÃO NA IDADE MÉDIA E OS VALORES DO CLASSICISMO

Paulo Roberto Souza da Silva (UFJ)
pauloletras1@gmail.com

RESUMO

Um estudo sobre as obras “Li fet des Romains” e “Vida e feitos de Júlio César”, que trazem elementos traduzidos e recriados de passagens do *De Bello Gallico*, de César. Estudamos as características das traduções medievais, o propósito e o contexto em que se divulgaram, diante da atualização dos valores da Roma Antiga no século XV. Dos pontos de vista gramatical, semântico e discursivo, buscamos identificar referenciais de estilo e cultura que caracterizam o conceito de Classicismo difundido no Renascimento. A partir das diferentes formas de narrar a Guerra das Gálias, podemos considerar os efeitos retóricos do processo de transmissão e reinvenção da Antiguidade Clássica, como modelo para a Modernidade.

Palavras-chave:

Tradução. Idade Média. Guerra das Gálias

RESUMEN

Un estudio sobre las obras “Li fet des Romains” y “Vida e feitos de Júlio César”, que traen elementos traducidos y recreados de los pasajes de *De Bello Gallico*, por César. Estudiamos las características de las traducciones medievales, el propósito y el contexto en el que se difundieron, en vista de la actualización de los valores de la antigua Roma en el siglo XV. Desde el punto de vista gramatical, semántico y discursivo, buscamos identificar referencias de estilo y cultura que caractericen el concepto de clasicismo difundido en el Renacimiento. A partir de las diferentes formas de narrar la Guerra de los Galos, podemos considerar los efectos retóricos del proceso de transmisión y reinvención de la Antigüedad clásica, como modelo para la modernidad.

Palabras clave:

Traducción. Edad Media. Guerra galo

1. Introdução

A obra *Vida e feitos de Júlio César* foi publicada, em edição crítica, pela primeira vez em 1970 por Maria Helena Mira Mateus. Segundo a autora:

Esse manuscrito atravessou 500 anos e trouxe até nós o conhecimento, não só dos interesses culturais da época, mas também de aspectos menos divulgados da língua portuguesa do século XV em virtude dos campos semânticos que integra e, portanto, de um vocabulário diversificado

que se distribui por numerosos domínios lexicográficos. (MATEUS, 2009, p. 203)

Esta citação nos aponta um caminho de investigação que articula semântica histórica, tradução e literatura comparada. Trata-se de uma obra portuguesa do século XV, tradução de uma obra francesa do século XIII, que trazem traduções diretas de passagens do *De Bello Gallico*, uma das obras clássicas mais lidas durante toda a Idade Média.

Para este trabalho, procuramos entender o contexto linguístico em que se estudava e traduzia do latim para as línguas vernáculas na Europa da Idade Média. Consideramos a importante tradição de estudo e cópia das obras da Literatura Latina Clássica, em especial a prosa histórica, e a concepção dos gêneros de prosa, no contexto do humanismo medieval. Interessa-nos particularmente, o contexto de letramento em latim e a conquista do status de língua literária para os vernáculos medievais pela iniciativa de intelectuais no período entre a Renascença do século XII e o Renascimento no século XVI.

2. *As narrativas de César durante a Idade Média*

Durante o desenvolvimento da literatura cortesã, os contos e narrativas sobre a antiguidade clássica, que serviam de material aos trovadores e menestréis, eram chamados Matéria de Roma (*Matière de Rome*), em oposição à Matéria de França – que tratava das histórias de Carlos Magno e seus paladinos e Matéria da Bretanha – que tratava das histórias do Rei Artur e seus cavaleiros. Estes termos foram usados pelo poeta francês Jean Bodel (1165–1210), para se referir ao material que se devia empregar para a composição de poemas:

Ne sont que III matières à nul homme atandant,
De France et de Bretagne, et de Rome la grant. (THOMAS, 1920, p. 6)

(Não são mais que 3 matérias a que um homem deve atentar
De França, de Bretanha e de Roma, a Grande)

As narrativas dos historiadores e cronistas antigos faziam parte da educação e da alfabetização em latim desde a Renascença Carolígia e logo foram aproveitadas pelos trovadores das cortes em suas canções. A literatura em prosa também tinha essas histórias como referência: o Romance Alexandrino era uma das obras mais queridas, assim como as Vidas de Plutarco e narrativas de Suetônio. Essas obras, copiadas e glo-

sadas, e formaram a base para a consolidação dos gêneros literários medievais.

Os mais antigos manuscritos encontrados do *De Bello Gallico* datam do século IX, que formam a família alfa de manuscritos, que trazem o nome de *Iulius Celsus Constatinus*, o provável copista. Pela diacronia do latim medieval antes e depois de Carlos Magno, podemos inferir um aumento na atividade de copistas de prosa latina secular durante os séculos IX e X. Isto se deu no tempo de um investimento em bibliotecas por parte da nobreza francesa e da Igreja. Desta forma, entendemos que, no século XII, o trovador alfabetizado tenha à sua disposição um repositório de histórias e anedotas, tiradas de autores clássicos como Ovídio, Virgílio, Plutarco e Suetônio. O *De Bello Gallico* e a *Farsália*, de Lucano, serviam como principal fonte para o conhecimento das guerras romanas.

A figura de César, assim como a de Alexandre, parece ser uma fonte referencial para a educação de líderes e generais, em contraste com as tradições dos épicos e das narrativas populares celtas e germânicas. A cultura do século X parece ter operado uma composição entre as culturas do Sul e do Norte da Europa, que caracterizariam a chamada Renascença do Século XII. Momento em que se multiplicaram as universidades na Europa e a atividade trovadoresca se consolidou em diversas cortes. Assim, com a transmissão de poemas e trovas entre os autores, as histórias da antiguidade foram postas em equivalência às lendas celtas e germânicas como material de literatura.

Este movimento ganha contornos mais visíveis quando se podem encontrar os primeiros textos em vernáculo. De acordo com Suzuki (2013):

O surgimento da historiografia da prosa vernacular foi o produto de uma complexa combinação de forças, que incluía mudanças sociais e políticas, uma enorme expansão no escopo e na prática da alfabetização entre a aristocracia francesa e um crescente senso da importância da linguagem e de sua natureza como portadora de importantes “verdades” sobre o passado e o presente. Essas primeiras histórias em prosa definiram-se contra ficções usadas na alfabetização como a épica e o romance, até então os únicos gêneros a serem escritos em francês antigo, argumentando que a “verdade” da história não podia ser deixada definir no domínio da ficção. (SUZUKI, 2013)

O desenvolvimento da literatura em francês antigo é concomitante a um movimento de esclarecimento e intelectualismo, que desenvolve uma linha evolutiva até o século XVIII, de modo que a língua francesa carrega a história do desenvolvimento daquelas sociedades. O autor cha-

ma atenção para uma francofonia medieval que nos permite articular o alcance da literatura em vernáculo com a consolidação do Reino da França. As forças sociais que elevaram a língua vernácula a uma língua literária são as mesmas que promovem a identidade francesa e, mais tarde, serão invocadas para definir o caráter da cultura francesa no Humanismo e Renascimento:

Embora, inicialmente, a crônica vernacular possa ter funcionado como um gênero histórico complementar, em última análise, competiu com e veio substituir o épico e o romance como portador de tradições históricas da sociedade leiga. E é surpreendente que o sucesso da historiografia em vernáculo foi acompanhado por transformações no caráter de sua naratividade, transformações que serviram para removê-lo do domínio do desempenho e colocá-lo mais perto do polo de textualidade. (SUZUKI, 2013)

Alfabetização, laicização e humanismo parecem ser elementos fundamentais durante a promoção da língua vernácula em França e o estudo e a imitação do latim e da história da República Romana trazem elementos de oposição às tradições celtas, germânicas e cristãs da Alta Idade Média.

3. *O vernáculo e o latim no século XIII*

Mesmo com o surgimento da literatura em vernáculo, o latim continuou sendo a língua usada na alfabetização e era a língua imposta nas universidades, tanto na escrita quanto nos debates e conferências. Enquanto o latim medieval ganhou características sintáticas e do léxico do vernáculo, o próprio vernáculo era compreendido a partir das regras da gramática latina, principalmente de Donato e Prisciano (Cf. OLIVEIRA, 2011). Alexandre de Villedieu, um dos Mestres da Universidade de Paris, trouxe à luz, logo no início do Século XIII, uma obra de alfabetização de foi considerada essencial até o surgimento da imprensa: *Doctrinal e Puerorum*. Esta obra consolidou métodos de alfabetização que estariam em voga até a Modernidade.

No século XII, por meio da ação dos monges-professores, a leitura do latim se intensificou e ao mesmo tempo as tradições literárias da Antiguidade passaram a exercer revigorada influência nas nascentes literaturas em vernáculos. É neste contexto que surge a obra *Li fet des Romains*. Esta obra, dentre outras, buscava consolidar a *langue d'oïl*, o dialeto da Île-de-France. Ela seria uma continuação à *Histoire ancienne jusqu'à César*, composto em Lille, que é uma narrativa altamente fanta-

siosa, misturando elementos mitológicos com a obra de historiadores antigos. Diferente dessa última, *Li fet des Romains* acompanha, quase que *ipsis litteris*, a obra de César, Suetônio e Lucano, num cotejo que buscava apresentar os feitos político-militares de César.

Podemos enquadrar a obra em dois aspectos: da perspectiva linguístico-retórica, a obra trazia em exercício de tradução e reinvenção, em vernáculo, das qualidades e recursos da prosa latina clássica; da perspectiva discursivo-ideológica, esta obra aparece como uma tentativa de promover valores das civilizações clássicas, no contexto da reurbanização da Europa, e a consolidação da cultura francesa como sucessora da cultura romana. Nela, podemos observar a nascente cultura letrada nas universidades e a ascensão do Francês Antigo ao status de língua literária. A oposição e a imitação do latim já anuncia o retorno aos modelos clássicos que Petrarca promoveria no Século XIV.

4. *Classicismo no Português Medieval*

Mira Mateus atribui a autoria da *Vida e feitos de Júlio César* a “provavelmente um intelectual português residente em Paris ou na corte de Borgonha” (Cf. MATEUS, 1980, p. 16). Como os *Li fet des Romains* ganharam imensa popularidade na francofonia do século XIII e XIV, é de se esperar que tenha influenciado os pensadores portugueses que circulavam nos ambientes universitários franceses. A formação da historiografia teve contornos diferentes em Portugal e França, mas as traduções do latim eram um ponto comum que, até o Barroco, manteve a literatura latina como referência pra a literatura portuguesa. A tradução do texto francês surge como exercício para consolidar, por meio da escrita, o falar da corte portuguesa e um avanço na atividade dos cronistas, que aponta para a visão humanística sobre a História.

Mira Mateus nos dá a conhecer as atividades de tradução do latim e de outras línguas românicas: “Nestas traduções predominam as hagiografias, as novelas cavaleirescas e os tratados morais, provenientes de um dos centros detentores e difusores de grande parte da vida intelectual de então: os mosteiros e conventos”. A transmissão do texto, de França para Portugal, parece indicar os diferentes estágios que esses países desenvolviam diante do movimento humanista. Interessa-nos observar como, na formação do Português Medieval, os elementos da literatura clássica foram absorvidos e abasteceram o humanismo português.

Na obra de Fernão Lopes (1380/90–1459?), puderam-se observar as características do humanismo na prosa portuguesa. “Fernão Lopes anteciparia elementos centrais do discurso histórico moderno, hierarquizando o campo textual entre os modelos ornados e fabulosos e o discurso portador de uma verdade nua.” (Cf. ARAUJO; GIANEZ, 2006, p. 3). O “pai da historiografia portuguesa” operava, no português, o movimento de renovação da prosa e da historiografia, iniciado por Petrarca e Leonardo Bruni (1370-1444), no italiano. Foi nesta época que o tradutor anônimo compôs a *Vida e feitos de Júlio César*. Esta tradução não teve a grande circulação que tiveram traduções de obras morais e filosóficas, mas nos permite conceber o intelectual português do século XIV, diante da circulação de obras latinas e do francês medieval no ambiente das universidades e cortes.

5. Tradução e recriação

Jeannete Beer (1991, p. 18-19) nos traz uma relevante discussão a respeito da redação do *Li fet des Romains*, que nos aponta um pouco da mentalidade do tradutor. O autor da obra francesa teria sido confundido pela anotação do nome *Iulius Celsus Constatinus* e atribui a ele, e não a César, a autoria do *De Bello Gallico*. Ele, então, insere este personagem na companhia de César como um cronista de campanha. Vejamos a comparação dos textos, latino, francês e português:

Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis privatisque rationibus Graecis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituisse videntur, quod neque in vulgum disciplinam effervelint neque eos, quidiscunt, litteris confisos minus memoriae studere: quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant. (Cés, B. Gal. VI. 14, 4.)

Ce le doctrine n'est oit pas escrite, ainz l'ensaignoient par cuer, ja soit ce que li druides eüssent asses grec et usassent de letres greques en lor autres besoignes. Por ij choses la soient a escrivre, cedit Julius Celsus: por ce que ce le doctrine ne poüst estre semee ou peuple par escrit et por ce que li deceple meüssent greignor cure en retenir la de cuer, car l'emmetsovant non chaloir la chose ou l'en cuide recovrer par escrit; c'en est li quidiers Julius Celsus. (FLUTRE; VOGEL, 1977, p. 222 – II, 15, 4)

Esta ciencia nom era escripta mais ensinava-se de cor. E ainda que os drindes soubessem assaz de grego e usassem de leteras gregas, leixavam-no d'escrever por duas cousas, segundo diz Julius Celsus: a ùa porque aquela doutrina nom podia ser espalhada per o pobo per scripto, e a outra porque os dicipolos nom se trabalhariam tanto de aprender ùa cousa

quando sabem que a teem scripta. E este era o cuidado de Julius Celsus. (MATEUS, 1980, p. 60 – II, 15, 4)

Aqui podemos comparar como a versão portuguesa segue de perto a versão francesa em sua interpretação do original latino. A expressão de César “*Id mihi videtur*” opera uma embreagem discursiva que invoca a presença do sujeito enunciador no texto. Tal operação demanda um conhecimento de contexto que os autores medievais não apresentam, em relação à redação e publicação original dos *Commentarii de Bello Gallico*. Beer chama atenção para o recurso da autoridade no discurso, o que nós podemos confrontar com o que a Escola Francesa de Análise do Discurso diz sobre o *ethos* do sujeito enunciador. O princípio aqui é o de clarificar a autoria do texto para sustentar sua validade historiográfica. Segundo a autora:

O nome “*Julien*” não foi produzido *ex nihilo*. “*Julius Celsus Constantinus uclēgi*” era uma inscrição nos manuscritos usados pelo tradutor. Além disso, quem poderia imaginar que o grande “*imperator*” teria, ele mesmo, escolhido executar grande parte de sua história na forma enganosa de uma narrativa de terceira pessoa?

Esta confusão nos traz um exemplo de como os recursos retóricos empregados na Literatura Clássica eram recebidos na Europa antes da Renascença. O uso da primeira pessoa, num texto de historiografia, demanda reflexões metodológicas e estilísticas que viriam a se desenvolver no curso do surgimento da historiografia moderna. Os gêneros retóricos da Antiguidade não prescindiam de um contexto literário, ao contrário, eles sugeriam uma tradição e sistema semântico que viriam a inspirar os renovadores da prosa na Europa e os pioneiros em prosa vernácula nos séculos seguintes.

Tais complicações mostram o tamanho do desafio para a atividade literária e historiográfica na Idade Média e nos indicam um ponto do desenvolvimento das línguas modernas em contraste com a imutabilidade do latim. O trabalho dos autores do *Li fet des Romains* e da *Vida e feitos de Júlio César* é uma mostra do imaginário medieval sobre a Antiguidade Clássica e os esforços retóricos destes autores avançam no sentido do resgate dos valores estéticos da Roma Antiga, que viriam a se sedimentar na formação da Europa Ocidental, no seu pensamento linguístico, retórico e historiográfico.

6. Conclusão

Para compreender a formação das línguas românicas na idade média, é fundamental observar a relação entre identidade cultural e língua vernácula, principalmente no período entre o século XII e XVI. Se na Renascença, a Europa Ocidental buscava igualar ou superar as realizações de Grécia e Roma, é necessário compreender a ideia que se fazia de Antiguidade Clássica e a maneira como obras conservadas por mais de mil anos eram tomadas como referência estética e ética. Ao abordar a vida de César, os autores medievais reinventaram uma identidade romana, a partir de documentos que nos revelam mais sobre como os intelectuais medievais abordavam o seu trabalho do que o seu conhecimento sobre a Antiguidade.

Na perspectiva diacrônica, podemos recorrer à noção de pêndulo que vai aproximar e afastar o pensamento europeu dos modelos clássicos, alternadamente. Aqui percebemos um movimento de aproximação que vai crescer até a Revolução Científica do século XVII. A biografia de César – e principalmente a presença dessa biografia na Literatura Clássica – é eleita, em França e em Portugal, como referência para um projeto retórico-históriográfico que fortalece a apropriação do passado e sua recriação para dar contornos ao presente. Esta forma de apropriação caracteriza a formação das línguas modernas e demonstra a importância do status de língua literária, para a identificação entre língua, cultura e povo, que veremos na Modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Valdeí Lopes de; GIANEZ, Bruno. A emergência do discurso histórico na crônica de Fernão Lopes. In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. V. 3, ano III, n. 2. Uberlândia: 2006.

BEER, Jeannette M. A. “*Auctores*” and “*Auctoritas*” in *Li fet des Romains*. Enarratio 1, 1991. p. 14-26

CÉSAR. *Guerre des Gaules*. Texte établi et traduit par L. A. Constans. 5^{ème} édition. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da trad. de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. Da techné grammatiké à gramática especulativa medieval: as relações lógicas e não lógicas do enunciado linguístico. In: *Cadernos do CNLF*, V. XV, n. 5, T. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

FLUTRE L-F.; VOGEL K. Sneyders de. *Li fet des Romains compilé ensemble de Saluste et de Suetoine et de Lucan*. T. I: Texte critique [T. II: Introduction. Commentaire. Index des noms propres. Glossaire]. Genève: Slatkine Reprints, 1977.

MATEUS, M. H. M. A propósito da tradução medieval portuguesa de Li fet des romains. In: RIBEIRO, S.S.C., COSTA, S.B.B.; CARDOSO, S.A.M. (Org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa [on-line]*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 202-12

_____. *Vida e feitos de Júlio César*. Trad. de anônima quatrocentista da obra francesa do séc. XIII “Li fet des romains”. Lisboa: Seara Nova Editorial Comunicação, 1980.

SUZUKI Michiya. French National Identity through Medieval Chronicles – Rise of Vernacular Prose Historiography. In: *The 8th Japanese-Korean Symposium on Medieval History of Europe*. Tokyo: The Korean Society for Western Medieval History, 2013.

THOMAS, Henry. *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry: The Revival of the Romance of Chivalry in the Spanish Peninsula, and its Extension and Influence Abroad*. Cambridge: Cambridge University Press, 1920.